

TENDÊNCIAS METODOLÓGICAS: um breve passeio epistemológico

Luiz Carlos dos Santos

Concebe-se a metodologia da pesquisa científica como uma disciplina instrumental que está a serviço da ciência na elucidação dos fenômenos, fatos e ocorrências. Nesse sentido, é de fundamental importância para os iniciantes da investigação, apreciar as bases do conhecimento, sua gênese e tendências ao longo da história.

Partindo-se do século XIX, no tocante ao surgimento de novas tendências metodológicas, observa-se que o século referenciado apresentou algumas características peculiares. A primeira delas refere-se à continuidade das transformações engendradas pelas duas grandes revoluções – uma de cunho mais econômico (a chamada Revolução Industrial, iniciada na Inglaterra) e a Revolução Francesa (de natureza política), as quais originadas na segunda metade do século XVIII tiveram grande influência no século seguinte.

Dessa forma, as ciências sociais emergem no século XIX, como resultado de profundas transformações por que passava o ocidente decorrentes das revoluções mencionadas no parágrafo anterior, ocorridas entre 1780 e 1860, como afirma Ferreira (1988). Segundo a essa autora, a realidade social é tomada como fenômeno positivo, objetivo e passível de ser conhecida através da observação e experimentação. Tem em Saint Simon (1760-1825) um dos seus iniciadores através da sua proposta de uma ciência social que denominou de fisiologia social.

Conforme Saint Simon, a sociedade não é uma simples aglomeração de seres vivos; pelo contrário, é uma verdadeira máquina organizadora, os quais contribuem de uma maneira diferente para o avanço do conjunto. “A reunião dos homens constitui um verdadeiro SER, cuja existência é mais ou menos vigorosa ou claudicante, conforme seus órgãos desempenhem mais ou menos regularmente as funções que lhes são confiadas” (SAINT SIMON *apud* FERREIRA, 1998, p. 35).

Entende-se que, se por um lado, trata-se da continuidade do processo de ruptura com o modo de produção feudal, por outro, a nova ordem engendra suas próprias crises ou contradições, cuja síntese expõe-se:

a) A criação de um sistema fabril mecanizado - que produz em grande escala a um custo cada vez menor e que passa a não mais depender da demanda existente, mas criá-la, gerando um aprofundamento da diferença entre a classe detentora dos meios de produção e o proletariado, dependente unicamente de sua força de trabalho. Simultaneamente, este, em

defesa de seus próprios interesses, se organiza em torno de sindicatos e partidos.

b) O Estado, preocupado com a defesa de uma determinada ordem social, burocratiza-se, bem assim surgem as forças armadas também vinculadas ao controle e preservação dos interesses hegemônicos.

c) A produção padronizada e mecanizada gera consumo de matéria-prima para os produtos industriais, o que significa uma padronização das “escolhas” do consumidor.

d) A presença, ainda que disfarçada, da disciplina, do controle, do comportamento, em todas as esferas da vida, inclusive na órbita privada é patente.

Assim, todas essas crises colocam em questão os fundamentos políticos e econômicos do sistema capitalista. Os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, bem como o liberalismo econômico, geram, na verdade, a luta pela defesa de interesses particulares.

Verificou-se que o contexto histórico apresentado redimensiona a questão do conhecimento - surgem as ciências humanas enquanto tentativa de compreensão das crises instaladas. Conseqüentemente surgem duas tendências metodológicas, marcando e configurando a construção de novos objetos de conhecimento: o positivismo e o materialismo histórico-dialético.

Fundado por Comte (1798-1857), o positivismo relaciona-se ao aparecimento da sociologia, tendo como pilares: a) a sociedade é entendida como fenômeno natural. Portanto, como se pressupõe uma harmonia na natureza, deve existir uma harmonia na vida social; b) a sociedade constitui um todo integrado cujas partes tendem naturalmente ao desenvolvimento. Assim, a ordem capitalista representaria a culminância da evolução da humanidade; c) as leis que regem a vida social são tomadas como naturais e invariáveis, portanto, independentes da vontade e da ação humana.

Nessa perspectiva, depreende-se que o método proposto pelo positivismo para as ciências sociais deveria ser o das ciências da natureza, segundo os passos concebidos por Comte, porque a observação seria: neutra, objetiva, desligada dos fenômenos, o que implicaria uma separação entre o sujeito produtor de conhecimento e seu objeto de estudo; observação exclusiva do fato, tomado como aquilo que pode ser conhecido somente por meio da observação, da experiência e segmentação da realidade; em suma, a compreensão da totalidade dar-se-ia pela compreensão das partes que a compõem.

Em contraposição, o materialismo histórico-dialético, concebido por Marx (1818-1883) constituiria outra tendência metodológica que configura uma forma de conceber a realidade social. Para Marx, de acordo com Carvalho et al. (2000), tal proposta ancora-se nos seguintes pressupostos: a dialética hegeliana, ou seja, o real existe como movimento

contraditório e processual. Assim, a construção do conhecimento científico deve ser feita nessa dimensão. Pensar dialeticamente a realidade é desvendar os movimentos contraditórios que a compõem. Saliente-se, o que diferencia Marx de Hegel é a concepção do primeiro de que é o ser social do homem que determina sua consciência e não, como afirma o segundo, sua consciência ou ideia.

Segundo as lições extraídas da literatura, o materialismo histórico-dialético fundamenta-se nos seguintes pressupostos: a base da sociedade e do próprio homem, para Marx, é o trabalho; o homem faz-se historicamente, não existe como entidade ou essência anterior à experiência histórica que o constituiu e através da qual se faz o homem; o conhecimento científico, para Marx, é uma ferramenta de compreensão e de transformação da sociedade humana, o que implica a ausência de neutralidade da ciência, uma vez que se estaria analisando sempre uma formação histórica de um determinado ponto de vista: o da classe explorada. Nessa dimensão, o conhecimento que se pretende neutro é tratado como ideológico; isto é, são idéias produzidas pelas classes que detêm o poder e que são apresentadas como entidades, como verdades eternas, como universais, a-históricas. Em suma, trata-se de uma universalização de interesses particulares - uma classe apresenta os seus interesses como sendo os interesses de todos os membros da sociedade.

Em síntese, uma análise histórica e dialética, portanto, seria aquela que deve alcançar a essência dos fenômenos, revelando-os como inter-relacionados com outros fenômenos com os quais e, a partir dos quais, constitui totalidades dinâmicas.

Tendo em vista que as matérias colocadas sob a forma de “blog” não esgotam o conteúdo, fica aqui o compromisso de, num próximo artigo que tangencie o objeto em análise, a exposição das tendências metodológicas do século XX, extraindo-se o núcleo do neopositivismo, da fenomenologia e do estruturalismo e, posteriormente, as tendências do século XXI.